

Leite CRIÔLO

O ESTADO DE MINAS Suplemento do ESTADO DE MINAS 2. 6. 1929

numero 1

mexerica se conhece pelo cheiro

Fundando leite crioulo ninguém teve a pretensão de ver uma nova descaída do caracter nacional a levantar. Até estamos perfeitamente seguros da conservação antiga e constante em nossa indole, de uma reserva grande de qualidades falsas. Si vimos erguer a questão do selecionamento das boas maneiras que em nós perduram apesar de todas as falhas de nossa formação, vimos também (e aí é que nos empenhamos de todo) apontar esses erros do espirito brasileiro, anulando-os pela força.

No primeiro numero desta revista-irrim um programa-assú devia ser tracado. Pensavamos que seria melhor atacar sem palavrório o motivo maior da nossa... Assim fizemos. Qual não f... da gent... casa quando...

go não pensa em ficar atraz do tóco. Além da vantagem de descorçoal-o quando êle vir que o desejado surge como um feito de Caapóra diante d'êle. Em pleno desenvolvimento da força aplicada ao material novo.

Quem fôr mesmo carimbamba não deixará o campo sem um sinalzinho do quanto fez. E quem não servir no manejo das armas perigosas, porquê não obedecem a escolas de nenhum militarismo estético do mundo, cairá desarmado em pleno campo aberto.

O programa que vocês querem, nós iremos desenvolvendo naquilo ue fizermos.

Gui

110000

Panfleto numero dois

1. Lingua brasileira... Si o francês me perguntar que lingua eu falo, o ministro Mangabeira entrará na conversa e dirá: Monsieur, nous parlons portugais, un portugais très difficile... Mas aquela gente de São Paulo, mexendo na gramática do Sympson, corrigirá logo: Nheên-gatú. Que confusão! Bruta confusão mesmo.

2. De quem a culpa? Porque é uma tristeza a gente guardar um cemitério atôa na bocca. Si eu fosse presidente eu mandava botar fogo na bibliotéca nacional. Besteira que só vendo. Istrangeiro quando quer falar pra nós, fala castelhano. Nada de português, nem um tiquinho de nheên-gatu'. Disafôro! De quem a culpa? Da Academia Brasileira? É claro que não. A culpa é toda do Coelho Neto, do Julio Dantas. Essa gente iscreve livros pra xuxu'. E o resultado é esse: não se lê nada, não se vê nada.

3. Rui Barboza quando falava pro estrangeiro, enterrava a lingua portuguesa no fundo da mala, e istalava um francês fanhoso que nem Anatole nem sei quem mais. Fritava o inglês em dois minutos. E brilhava. Que consolo!

4. O melhor é a gente arranjar uma lingua eclética, bem internacional. Ispiranto não pega. Vamos importar sêda legitima e um cento de verbos e substantivos tudo da França. E tambem da Inglaterra com carvão. Assim os franceses e inglesês intenderão nossos linguados. De modo que o Mario de Andrade, mais o Raul Bopp, e mais o leite crioulo farão a coisa bem universal. Por exemplo, eu mesmo poderei iscrever uma porção de poemas assim:

Je désire amar my country,
my country llena de alegria,
because matei tout-à-fait
la maudite, maudite, maudite
tristesse do pobre Varella,
lamentation de Casemiro
diable, não sei nada, de Abreu.

5. Eu penso que a lingua seria mais bela, e em pouco tempo teriamos que arranjar uma bibliotéca bem boa. Pois não vê a gente que o Felipe de Oliveira inaugurou o assunto com um Eu sou, I am, Io soy! Si não está certo, tambem não está errado. Eu juro.

ALCINO DUQUE

palavras...

Bem entendido criolismo não determina a superfluidade infantil de nos levar a desejar produções literarias que tratem tão somente de assuntos que despertem a moderna da pequena região em que vivemos. Ele nos leva a um ambiente maior. Um ambiente mais favoravel que abranja um infinito de distancia. Isso sim. Criar pra grandeza da nação, não só a poesia dentro de todos seus ritimos, a beleza sempre nova, disinteressada e livre dentro de todas as manifestações do nosso pensamento, como tambem a boa moral religiosa e politicamente sadia, do seio para o seio do povo em que ela desabrochou. Tudo porém moldado no caracter nacional, onde deve reflectir nas produções esteticas o nosso puro pensamento. Ahi ha por força de circular a alma de nossa gente, desde que ela se dispa de todas as manifestações de origem exterior infiltradas lentamente em o nosso meio organico.

Está claro que criolismo não se restringe só ao Brasil. É universal.

Mas não o queremos em sua totalidade.

O que nos interessa é o criolismo brasileiro.

Mas não como nos Estados Unidos. Nada de separação de raças. Assimilação de raças, sim. Dahi porque tomamos criolismo como bom simbolo de brasilidade.

O Virabosta, este sim. É uma parte do Brasil degenerado, filho da má formação etenica e sociogenica do nosso povo. Não é que haja falta de compreensão do determinismo.

Bem claro está que o fim que nos resta é dissolver o resto do mal. Dissolver tambem toda energia ainda existente oriunda de exagero occidental.

Porque se continuarmos a apical-a ao sistema de nossa vida, sem duvida alguma immobilisara todo esforço da nossa parte. Isto é, da nação. Se o organismo não reagir emquanto é tempo, estamos perdidos mesmos.

Antes queremos combater esse temeroso fatalismo: desbarborisar nosso paiz primeiramente da lingua estrangeira. Levavante a missão cultohistorica da nossa gente. Integralisala na lingua nacional.

Ahi está um problema serio. E urgente.

No sul do Brasil, por exemplo, mais se fala o alemão do que a lingua nacional. O motivo é o isolamento do colono dentro do paiz, com seus habitos e modos de vida. Havia, de primeiro, municipalidades que chegaram ao cumulo, ao disparate de se servirem do alemão como lingua oficial. Os documentos publicos recebiam o molde e a chancela germanica. E com razão. Escolas alemans, leis alemans, direito alemão. Fôra disso nada mais sabiam. E essa infiltração lenta em nosso organismo ao invéz de encontrar resistencia, em nosso meio, encontrava justamente o contrario disso. Tudo pra vergonha nossa. Dahi porque uma boa parte de nosso territorio psychicamente ainda é diferente dos demais da nação. E tudo isso por causa do descaso dos nossos dirigentes que ao invéz de primeiramente nacionalizar os colonos, integralisando-os em nosso meio, isola-os. E só depois, muito depois é que obrigam seus filhos a aprender a lingua do paiz em que nasceram. Dueixam primeiramente que esses colonos criem dentro de nosso paiz, um pedaço de seu paiz.

Se continuarmos assim não conseguiremos nunca um povo unido.

Para consiguil-o forte, lutando com esplendor pela nossa terra é necessario que esse mesmo povo forme seu caracter nas nossas tradições, no nosso passado, na nossa historia. Mas a chave principal do problema nacional não é totalmente esse. É fazer tambem com que a imigração seja prontamente assimilada.

Assim obter-se-á não só o triumpho como talvez uma raça senão mais forte, pelo menos mais capaz, que não essa muda de luso-indio-negroide ainda predominante.

Achilles Vivacqua

raça

Santa-Rosa, 14 de maio de 1928.

Ilmo. e exmo. cel. Saturnino Silva. — Fazenda Bocaina. — Saudações atenciosas. — Rosas... e mais multiplicidade de flôres odorificas sêjam semeadas na renda da vida de V. sa., ao lado da vossa exma. familia. Venho por meio destes lúridos traços, desataviadamente romanticos, participar a Vsa. sa. que, conforme ao colloquio que tivemos, relativamente á minha pretensão de leccionar os vossos inestimaveis filhinhos, estou ás vossas ordens.

Destituído transversalmente de instrucções, não possuindo um só dos attributos essenciaes atodo bonissimo professor, tenho sómentes robustez de mente que por si só nada de utilidade exhibe. Todavia, forçado por um desejo incontido, e, ao mesmo tempo contando com a indulgencia de V. sa., animome a leccionar os vossos idolatrados filhinhos.

E o que, exabundantia-córdes, desejo o poly de V. sa. Procopio da Annunciação.

Post-scriptum. — Peço a Vsa. sa. para dar-me uma resposta affirmativa ou negativa. Anexo a esta vae a copia dum discurso por mim expressado, porém foi corrigido pelo illustre Capistrano Baptista. Vsa. sa. queira desculpar-me as emendas, porque actualmentenão tenho block para passar esta cartinha a limpo.

2 historias para maiores de 21 annos

PRIMEIRA

Depois de ter tomado a cuia de jacuba, o eleitor se levantou, arreiou a egua e foi para a cidade. As botinas novas compradas por um voto apertavam-lhe os callos.

Para mostrar sua inteira independencia, deu o voto secreto ao candidato do governo.

E, de tardinha, já estava na beira do rio pescando mandy-chorão.

SEGUNDA

— Boa tarde. Vamos ao Bomfim. Eu pago o bonde.

— P'ra quê?

— P'ra ver como está ficando rica a Empreza funeraria.

ALBANO DE MORAES.

2 historias para maiores de 21 annos

Historia do homem que queria ser poeta

Newton BRAGA

O homenzinho que queria ser poeta quebrou bem prá baixo a aba do chapéo. Procurou dar uma tristeza molhada nos olhos e entrou no café se mirando nos espelhos dos lados. E como estava terrivelmente poetico foi sentar lá na ultima mesinha.

Depois de plantado na cadeira sentiu que o local não era de muita poesia pois vinha um mau cheiro (dizer catinga é falta de educação) danado daquella porta que tinha um Senhores pintado no alto. Mas ficou firme. Não ficava bem a um poeta encomodar-se com essas banalidades materiaes. Poesia é espirito. E' alma. E em holocausto á poesia aguentou a catinga.

Tirou o chapéo lentamente, theatralmente. Meteu os dedos por entre a cabelleira longa. E puxou do bolso uma folha de papel irritantemente branca com a mesma solennidade com que o actor principal puxa o revolver sem bala prá matar o villão no ultimo acto. Depois o lapis, mordido na ponta. E olhou pro resto do café com a superioridade baita de quem vae crear o mundo. Teve pena do resto dos mortaes, ignorantes que não podiam expressar o que sentiam. Tentou começar. Thema — saudade. Todo mundo já tinha fallado uma porção de cousas da saudade, mas eile fallaria melhor. Começou.

“Saudade é luz que foi fogo”

luz que foi fô... foi fô... Tocou no ar, com a mão esquerda as teclas imaginarias da metrica. Porque não sei quem disse que a metrica é a musica da poesia. A gente tóca com os dedos... é musica mesmo... Mas bateu depois com os olhos no letreiro branco que aparecia meio duplo no espelho:

Maçãs, peras e uvas só na Casa Amendoim...

Ficou com o Amendoim na bocca. E dedo numa espinha que lhe cavalgava o nariz. Resolveu identificar o dedo higienico, especie de mata mosquito. Dedo mindinho, seu visinho, pae de todos, fura bolo, mata piólho. E'... seu visinho é que estava incomodado com a espinha. E por lembrar isso pensou que os vizinhos estão sempre incomodados. Elle, por exemplo nunca podia treinar na flauta porque a vizinhança achava ruim e queria fazer meio dia.

Falta de gosto artistico. São sempre incompreendidos os grandes genios. E por recordar que era grande genio lembrou de nóvo da poesia.

Pegou de novo no lapis com o dedo pegajoso do assucarado da mesa.

“Saudade é...”

Riscou. Coçou a ponta do nariz com o lapis. Semicerrou os olhos. E com elles parados num quebradinho da mesa ficou pensando um pouco. Repetiu:

“Saudade é luz que foi fogo”

descoberta

(resposta optimista)

A arvore seivosa cresceu e não fructificou. Ficou esperando na contemplação azul do horizonte.

Os homens passavam e continuavam sem olhar para traz... Mas, tambem, sem saber porquê.

Logo correu a lenda de que aquella sombra distillava urucubaca. Piriri-pipi! Piriri-pipi!

Por isso os homens passavam mais longe ainda. Oh! boniteza das encruzilhadas na terra-rôcha confundindo os tropeiros. Que iam longe buscar o que estava alli perto mesmo.

Vae um dia (21 de abril ou 12 de outubro, não me recordeo bem), o menino serélepe da cabana da beira do córrego dominou a galharia verde.

Limpou sorrindo contente as ervas de passarinho.

Ao magico influxo as cobras roliças desceram além pras furnas nos pasmados.

E o mysterio claro se desvendou.

Então, a lenda ás avéssas correu longe na realidade formosa, e os estrangeiros, sabedores do milagre, vinham gulosos á sombra, na gostozura dos fructos summarentos.

e logo atraz como bonde com reboque veio o outro verso:

“Tormento que já foi dor;”
e mais outro, logo, logo depois...
bunde com dois reboques:

“E' magua que já foi pranto”,

Empacou. Faltava um. E um que terminasse em amor que era a rima classica e eterna da dor. Parece até que ha uma afinidade muito grande entre essas duas palavras. Estão sempre se vendo das janellas. Porque a quadra é uma casa de quatro andares. Com a differença do andar de cima ser feito primeiro que os outros e do ultimo, o terreo, ser o culminante. E quando o amor chega á janella do 2º andar é certo, infallível, desde o começo dos seculos, que a dor chegue á janella do 4º, ou seja, do terreo culminante. Estava ahi mais um caso. A dor lá na janella do 2º andar esperando o amor chegar cá em baixo. E chegou.

“Não sei quê, que foi amor”

Sorriu satisfeito, superior. Leu tudo junto.

“Saudade é luz que foi fogo,
Tormento que já foi dor;
E' magua que já foi pranto,
Não sei quê, que foi amor.”

E prá comemorar (bebemorar... no caso...):

—“Garçon, vira um chopp duplo!”

assustado

((1922, inedito))

Ontem dançaram..

Casa expandongada..

Retratos bebedos se agarrando nas molduras..

Salas cruas

Sem maquiagem de tapetes almofadas bem-estar..

O piano está subindo a escada..

O pó deitou no chão exausto..

Burguesice insultante...!

Commentam os sucessos..

Comeram tudo, o jazz era bomzinhô,

Doutor Tal, dona Tal, louças quebradas...!

O papelote espiritual do estar-a-gôsto...!

O Nu' em familia..!

Tedio inabitavel!..!

Mario de Andrade

UMA QUESTÃO

Ainda hontem me cotucando o braço um amigo veio me dizer, bem cheio de convicção e de certeza, que nós precisamos mas é de escrever prosa. De verso realmente nós cristãos já andamos por aqui, pela altura do gogó. E' preciso que os da fileira do movimento vanguardista botem mais um pouco de atenção neste ponto. Não é bobagem repisar isto não. Porque o pendor desses novos está tão caidinho para o lado da poesia que até faz a gente desconfiar...

Porém nós cremos — e ficamos duros neste ponto, que vamos ter prosa e boa dentro de pouco tempo. Mas prosa brasileira, prosa braba, de sustancia! No Brasil estou por enquanto apontando Mario de Andrade, daqui. E penso que, si o modernismo desagrade a muita gente é porque tudo o que se faz dentro dele é em poesia. E a transição da antiga poesia para a nova se faz bruta e vai dar a bestificação que invade os ouvidos dos bruguezes, escandalizados bem fortemente com esse novo prato que invade de sopetão a mesa imutavel deles. Esta transição, pois, se faz com muita violencia, dando mesmo na vista. Porém na prosa já não quero acreditar nisto. Si a mudança é brusca — igual em intensidade á outra, parece á gente que éla é menos visível, pouco perceptível. A não ser que a pessoa saia do “Eurico” pra esbarrar com o “Amar, verbo intransitivo”. Ai então, sim. Este fenomeno que percebo, porém que não sei si outros percebem — não sei como explicar, porque pra mim é mais compreensível do que um axioma — esse baita clarão numa tenebrosa aritimetica.

Pra gente conseguir levar mesmo de arranco essa manifestação de arte nova é preciso de agarrar na prosa como a mãe de S. Pedro na folha de cebola. Mas não largar nem a pau. Porque a prosa convence mais do que a poesia, pois não. Evito explicações dispensaveis, porém inda uma vez quero gritar para os amigos, como já se tem feito muito: prosa, camaradas, prosa!

OSWALDO ABRITA

Leite Criôlo

suplemento do ESTADO DE MINAS

numero 1

2.6.1929

mexerica se conhece pelo cheiro

Fundando leite criôlo ninguém teve a pretensão de vêr uma nova descaída do caracter nacional a levantar. Até estamos perfeitamente seguros da conservação antiga e constante em nossa indole, de uma reserva grande de qualidades falsas. Si vimos erguer a questão do selecionamento das boas maneiras que em nós perduram apesar de todas as falhas de nossa formação, vimos tambem (e ai é que nos empenhamos de todo) apontar esses erros do espirito brasileiro, anulando-os pela força.

No primeiro numero desta revista-mirim um programa-assú devia ser traçado. Pensavamos que seria melhor atacar sem palavrório o motivo maior da nossa presença. Assim fizemos. Qual não foi o espanto da gente de casa quando os primeiros leitores de cá apareceram falando grosso que não esboçaram nem o principio sequer do movimento. Querem inutilidade, bate-bocas longos e complicados? Estamos firmes em não dar a vocês, burguesissimos amigos, esse gostinho. Vocês carecem, não ha duvida, de retórica fôfa (ha outra especie). Porém os rapazes de leite criôlo não servirão de explicadores desnecessarios de um movimento que se esplica por si mesmo. E' só principiari o enunciado.

(Senhores, um programa faz as vezes de tambor. A nossa marcha é irregular, mesmo porquê não ha comandantes nem comandados. Depois... olhem o tambor de Pierre Nozière.)

Aquí cabe intercalar que somos tão pobres em realizações verdadeiras que os movimentos aparecidos... Não quero citar. A's vezes brinquedo de criança. Diz em meia lingua o que esperavamos em lingua já definida. Dirão os meus irmãosinhos que a época é de destruição; a construcção virá amanhã ou nunca mais.

Joguemos esse pensamento um pouco pra longe. E' preciso colher materiais, peneirar com vontade de encontrar coisa nova. Destruir, isso já se destruiu um bocado. Porém seria mais vantajoso que esses defeitos se destruissem (agindo, está claro) sem barulho e sem grita. Porquê gritando de mais a gente arranja resistencia (o que atraza) da outra parte. E gritando menos abre-se caminho, que o inimi-

go não pensa em ficar atraz do tóco. Além da vantagem de descorçoal-o quando éle vir que o desejado surge como um feito de Caapóra diante d'ele. Em pleno desenvolvimento da força aplicada ao material novo.

Quem fôr mesmo carimbamba não deixará o campo sem um sinalzinho do quanto fez. E quem não servir no manejo das armas perigosas, porquê não obedecem a escolas de nenhum militarismo estético do mundo, cairá desarmado em pleno campo aberto.

O programa que vocês querem, nós iremos desenvolvendo naquilo ue fizermos.

Guilhermino CESAR

PINGENTE

Mario de Andrade, E. Roquette Pinto, mestre João Ribeiro e outras pessoas entendidas discutem agora a questão da lingua nacional. Dizem até que o sr. Antenor Nascentes do **Linguajar Carioca** se encarapita de novo no assunto em livro saído outro dia e logo criticado pelo sr. Julio Nogueira.

A discussão está neste pé: existe de devéras uma fala brasileira? Mario de Andrade afirma sem pestanejar que existe — e bem caracterizada. E. Roquette Pinto disse que nós **estragamos** o português como os portuguezes **estragaram** o latim; mas os lusos não querem dar esse direito á gente brasileira. João Ribeiro salienta a nossa prosodia original e distinta, chegando a reconhecer prá sintáse que empregamos uma diferenciação até certo ponto natural e mesmo impossível de se barrar. E ainda, embora muito gramático, azucrinante venha achar nas palavras dêle um gosto ruim de verdade, que os brasileiros estamos enriquecendo e não corrompendo o linguajar dêles. — Não será por tão pouco.

PINGENTE quer apenas assinalar o reaparecimento da questão enorme. Desde Alencar éla vem impressionando os péla-eguas dos assuntos nossos. Cabendo aqui neste cantinho o alegrão de quantos fazem leite crioulo. Porquê estamos contentes com a fala sem lei nem rei, contrariando as linhas que brotam longe. Pra nos agoniar e nos prender o pensamento tumultuoso.

G.

PHARMACIA SANTA THERESA

**MANIPULAÇÕES
OS MENORES PREÇOS**

Av. Alf. Penna, 601-Praca 7 Setembro

Canção do só

Meu deus, mas como a noite é grande e fria.

(E aquelles olhos olherentos que vieram e ficaram me olhando, tão molles.

E o soluço depois creatura.

E o risinho que ia e que vinha

de dentro pra fora de fora pra dentro.

Depois aquellas mãos, aquelles seios, aquella bocca

e aquelles olhos olherentos...)

Meu deus, mas como a noite é grande e fria.

José GUIMARÃES ALVES.

A proposito de uma aparição

Assim que o nêgo deu de festa com o povo a modos que o pessoal ficou bestificado. Isso é doidice! Não póde! Não póde! Os preconceitos mofados berraram de dentro da gente. E' uma pouca vergonha! E' uma degradação! O diabo á quatro. Pilulas! O barulho de pouco valeu. O nêgo caradura arreganhando os dentes brancos que nem marfim — deste geito — nem se dava por achado. Alguem citou Ingenieros. Ele entendeu engenheiros. Teve psamentos metabeos cheios de pontes metalicas, cimento armado, edicétra. Mais outras citações. Mas êle firme. Porém o nêgo bem dentro que tinha alguma cultera. Não muita, amen. Julgou como sempre bobagem repisar citações tréxas. Deixou-se estar como Deus era servido. O salão regorgitava cheio. A um lado um homem que lia as poesias do Alberto de Oliveira falou nos-ouvidos do amigo; mas que belêza! O nêgo sentando, deixou-se ficar.

—Vossa senhoria não gosta do modernismo? —Não. Va pentear macacos.

—Ora, sua alma, sua palma. Uns gostam dos olhos outros da reméla.

Isso não póde! Não póde!

—Meus senhores! Fóra! Fiau!

Ora, em vista de não poder ser ouvido hoje ficou bem refestelado na cadeira, desmanchando-se todo. Fica pra amanhã.

Concordou ele. Mas o caso é que alguem já olhava êle com simpatia. Porém talvez que ele inda não fale amanhã...

OSWALDO ABRITA.

LIVROS DIDATICOS

A não ser Bilac, Coelho Neto e Julia Lopes, no Brasil ninguem fez literatura didatica que mereça um pouco de atençaõ.

Esses mesmos tem um traço de falso encantamento pela terra, romantismo obliterado que é urgente combater.

Bomfim, esse, de parceria com Bilac, fez o maior monstro que atravanca a cabeça das creanças no Brasil. O tal livro de leituras complementares, em ue só faltam escritores chinezes. Colcha de retalho do pior que ha em literatura estrangeira.

A atual reforma do ensino em Minas, que classifico de má porque está cheia de Decrobye e Claparédes, contém uma medida boa: concurso de obras didaticas, com o fim de dar á nossa literatura no genero uma feição mais logica e eficiente. Mas não está sendo aproveitada como devia, porque limitou aos professores o direito da concorrência.

E esses professores, empanturrados até á guela de tratadistas estrangeiros, irão fazer o mesmo que até aqui

aqui se tem feito: interromper o transito.

Garanto que nenhum deles se lembrou de fazer o livro que ainda não se fez no Brasil. O livro que ensinasse á creança, sem optimismo exagerado e admiração embasbacada, o que foram os nossos grandes homens do passado. Tiradentes, Bonifacio, Nabuco, Patrocinio, Castro Alves, Mauá, Ruy e talvez nenhum mais.

Seria um livro sob multiplos aspectos interessante. Conteria em si historia, lingua, moral, civismo e sobretudo certeza de que o Brasil é alguma coisa mais além da bahia do Guanabara e do rio Amazonas.

O estudo de biografia nas escolas primarias do Brasil iria mostrar ás crianças que no Brasil não ha só grandes rios e grandes riquezas inexploradas. Que houve grandes homens tambem, enchendo a historia do Continente.

Até aqui os meninos só ouvem falar da terra que parece estar despoxada porque nunca ouviram falar dos homens.

E já é tempo de mudar de ruao.
João DORNAS FILHO.

variações sentimentaes sobre um problema frio

Do que precisa o Brasil para ganhar a estima literaria de outros povos? Eu já pensei no suicidio. Mas vi que era um expediente marcante demais. E estupidamente definitivo. Gritar? Também não. Outrosim, insultar mais não faria do que enraivecer a indiferença da cultura universal. Então, cogitei na mudança de idioma. Escrevermos e pensarmos em inglez, por exemplo. Ora, mas isso seria uma abdição, uma protectoração humilhante. E nós não precisamos de tutela, porque nos sobra talento. Talento sem lingua. Portanto, não achei solução para o problema.

Isto é, achei.

CRIOLO

O criolismo tem como característica o super-nacionalismo. Combate a cultura extra-nacional do nosso povo. Povo que ainda vive a pensar, a sentir, a escrever, e... até a morrer, em plena terra brasileira, á européa.

O negro physicamente é o que menos nos interessa. Não o combalemos sob esse ponto. Seria deshumano. Queremos é apagar o que elle poz no caracter da nacionalidade: a alma encachaçada que ainda perdura pra nosso grande tormento. Alma que, como a cultura européa implantada e naturalmente deformada em nosso meio, criou pra nosso organismo social, politico e religioso, grande atrazo, e de cujo reflexo precisamos nos libertar.

Tambem é criolismo ir de encontro ás tradições da nossa primeira geração. — cuja cultura herdada dos velhos espiritos educados nas universidades peninsulares — ainda forma, infelizmente, parte dos nossos centros intellectuaes.

O velho publico letrado não nos interessa. Não o fazemos entrar em conta quando tratamos de criolismo. Já não pensa. E', hoje, a imagem de um mundo spleenético.

Farto já de todas as excitações que a ferrugem do velho romantismo das obras importadas puzeram nos seus sentidos...

Bem sabemos que na nossa physiognomia se reflecte muito mais o indio do que o negro. O que porém do indio tomamos, de bom ou de máo, veio da propria terra em que vivemos. Guardamos, por isso, como bons filhos que somos, o que é legitimamente nosso. Do negro não. Elle era completamente estranho ao nosso meio. Veio pra nossa formação como genero importado. Como o européu transviado dos presidios. E com esse mesmo européu cheio de defeitos, gerou no Brasil, dentro de uma luxuria desenfreada e da sede sensual do goso, a anestesia que ainda vive no organismo da terra moça — a preguiça.

Dahí porque não podemos mais ficar com a herança dos seus habitos e das condições de vida que aqui levavam.

Condições e habitos que não sendo nossos, devemos, como gente honesta que presumimos ser, devovel-a, porque não precisamos mais dellas. Só assim é que podemos afastar do nosso espirito esse traço disforme que synthetisa a fecunda nostalgia do negro transviado pro Brasil...

Achilles VIVACQUA

O Brasil nunca será um paiz de letras. Porque a tanto equivale termos muitas para nós mesmos.

Nós escrevemos para nós mesmos. E isso não é commercial. Digo commercial no que essa palavra tem de negativo. E de immercantil.

A intelligencia precisa tanto de mercados estrangeiros como o café. Produzindo excessivamente, como nós, claro que precisamos de expansão. O contrario é o que se vê. O sr. Coelho Netto abarrotando as tulhas nacionaes. E os navios sahindo vazio. Resultado: miseria interna. E nós, fartos, fartissimos de tanta comida. Mas sempre famintos de comidas estrangeiras. Importando Balança commercial deficit. Washington Luis puxando o cavinaque pra os Santhomé que não querem crer no saldo. Santhomé damnado, porque si ha cousa de que nunca duvidou é justamente o saldo.

Em rigor, ha uma solução. Esquecermos as letras. E escrevermos com o braço alheio uma outra literatura: a do trabalho. Apitem as fabricas. Zurrem burros carregando xuxu's, frangos e outras miudezas verdes ou pennáceas. Subam os arranha-céos. Quando os estrangeiros vieram espíar-nos, samba nelles! Samba, batuque e catira. E no fim uma banana. Porém banana de facto e não de munhêca fechada. Garanto que os estrangeiros ficarão encantados e começarão a ler as nossas obras. Começarão mas não acabarão.

Emfim, dá tudo na mesma. That is the complication, como diria o Principe de Galles. Logo, urge deixar a penna de lado, ou de baixo, e compenetrarmo-nos de que a nossa salvação está nesta originalidade: nem escrever nem deixar de escrever. Mas isso é impossivel, gritarão os leitores inclinados ás objeções. Ora, se formos dar ouvidos ás objeções, estaremos perdidos, porque na bocca de cada brasileiro pode não haver dentes para mastigar materialidades, mas os ha para triturar ideias as mais gozozas. Complicação, gente. Tenhamos juizo e fallemos claro. Onde iremos? Francamente que é necessario não pensar nisso e andar Confusões é que não.

fidelis florencio

Em Passos, junto á Igreja da Penha.

A SAPO DO MEU SAPO

Na noite escura e abafada,
silenciosa,

o meu sapo cantou.

Cantou um canto que só eu ouvia
e que não quebrava o silencio da noite
somnofenta.

Era aquelle mesmo sapo

que me embalára a meninice,

cantado pela bôcca dôce de minha

Mãe

nos versos simples do povo simples:

“Sapo Cururu’

da beira do rio,

quando o sapo canta,

ó maninha,

diz que está com frio,

Sapo Cururu’,

da beira do mar,

quando o sapo canta,

ó maninha,

diz que quer casar,

co’uma mulatinha,

ó maninha,

que saiba lavar.”

E eu me vi aninhado nos braços mã-
ternos,

em vae-ven pelo quarto,

ao compasso tchque-tchque dos chi-
nellos arrastados...

.....

A Saudade afogou o canto do sapo.

Francisco L. MARTINS, Filho

Direção de João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua e Guilherme Cesar.

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

Papelaria e Typographia

BRASIL

RUA DA BAHIA,

2-b-29

VELLOSO & CIA. — CAIXA POSTAL, 40

TELEPHONE, 121 — ENDEREÇO TELEGRAPHICO “VELOCOM”

BELLO HORIZONTE —

MINAS

Secção completa de artigos para desenho, pintura, enge-
nharia e artes decorativas.

Deposito de papeis de todas as qualidades, livros em bran-
co, quadros, postaes, artigos para escriptorio, etc.

Estamos aptos a executar impressão de livros, theses, pros-
pectos, estatutos, etc., com a maxima brevidade.